

## Crônica Jornalística e Experiência Estética: a busca por um olhar sempre novo para o cotidiano<sup>1</sup>

Lanna Paula Ramos da SILVA<sup>2</sup>  
Camila Lima GUIMARÃES<sup>3</sup>  
Maria Ataíde MALCHER<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### Resumo

O objetivo desta pesquisa é discutir a relação entre experiência estética no cotidiano e crônica jornalística, considerando a crônica, enquanto gênero textual presente no jornalismo, como um exercício do sentido estético dentro da profissão. Para tanto observamos as crônicas *O Fascínio do Amor*, da jornalista e escritora Martha Medeiros, e *A Delicadeza dos Dias* da jornalista e cronista Eliane Brum sobre o alicerce teórico dos conceitos de experiência estética de Monclar VALVERDE (2008), experiência estética no cotidiano, Hans Ulrich GUMBRECHT (2006) e crônica de Yolanda Maria TUZINO (1979).

**Palavras-chave:** Experiência estética; Cotidiano; Crônica; Jornalismo

### Introdução

Considerando a relevância dos estudos sobre o universo sensível dentro dos processos de comunicação, a pesquisa busca tensionar as teorias de experiência estética no cotidiano ao objeto escolhido para análise: a crônica jornalística, enquanto um exercício em potencial para o desenvolvimento de experiências estéticas no e a partir do cotidiano.

Para discutir os conceitos principais que servirão de substrato teórico do artigo, dialogaremos principalmente com Monclar Valverde (2008), Hans Ulrich Gumbrecht (2006), Benjamin Picado (2012), e a definição de crônica de Yolanda Maria Tuzino (1979).

Como progressão lógica e estrutural da pesquisa, iniciaremos com a explanação acerca do conceito de experiência estética, depois, a sua relação com o cotidiano e com o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduanda do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará. Bolsista PIBIC-CNPQ do Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia. Email: [lannapaular@gmail.com](mailto:lannapaular@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará e Bolsista PIBIC-CNPQ do Projeto de Pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará. Email: [camilaguimaraes120@gmail.com](mailto:camilaguimaraes120@gmail.com)

<sup>4</sup> Profa. Dra. da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Experimentação em Multimídia da Assessoria de Educação a Distância (AEDI-UFPA) e dos Projetos Ciência e Comunicação na Amazônia (CIECz), ABC Digital e Jovens em tempo de convergência. Email: [disciplinasgraduacao@gmail.com](mailto:disciplinasgraduacao@gmail.com)

jornalismo para, por fim, correlacionar a crônica jornalística. Seleccionamos, portanto, duas crônicas com as quais pudéssemos fazer os tensionamentos pertinentes: O Fascínio do amor, escrita pela jornalista e escritora Martha Medeiros e A Delicadeza dos Dias, escrita pela jornalista e cronista Eliane Brum.

O trabalho se apresenta como um exercício de reflexão acerca das teorias discutidas na disciplina Estética da Comunicação, a partir da qual focaremos no eixo de discussão “A estética da vida cotidiana”.

### **Percepções de experiência estética e comunicação**

Estética é uma palavra cujo sentido, ao longo dos séculos, tem passado por diferentes formas de concepção. Ainda assim, não nos cabe, para este trabalho, tecer uma cronologia evolutiva do conceito, mas concordamos com Jimenez (1999) quando diz que a história da estética poderia ser considerada como “a história da sensibilidade, do imaginário, e dos diversos discursos que procuram valorizar o conhecimento sensível, dito inferior (...) ao conhecimento racional” (JIMENEZ, 1999, p. 21). Desta forma, a estética pode ser considerada um tipo de conhecimento baseado nas verificações do universo sensível, que se ocupa de estudar as relações que ocorrem num âmbito imaterial, transcendental.

A partir de então, compreendemos por experiência estética o momento de envolvimento de um indivíduo dentro do universo sensível (VALVERDE, 2008, p. 3), noção que, por sua matriz artística e filosófica de discussão<sup>5</sup>, é comumente ligada à arte, à forma de apreensão de uma obra, quando ela envolve e arrebatava seu expectador de um estar comum para um lugar outro, podendo alcançar um estado sublime<sup>6</sup>.

Contudo, é importante ressaltar que, nesta pesquisa, consideramos que a experiência estética ocorre para além do consumo/apreciação de uma obra de arte ou da vivência de uma situação epifânica. Assumimos, pois, conforme Gumbrecht (2006), que a experiência estética está presente no universo cotidiano, podendo ser percebida mediante o

---

<sup>5</sup> PICADO, Benjamim. Entre os dispositivos de interação, as simulações do comum e o sedimento afetivo da sociabilidade: paradigmas críticos de uma discursividade nas teorias da Comunicação. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César (Org.) Teorias da Comunicação no Brasil, reflexões contemporâneas – Salvador: Edufba, 2014.

<sup>6</sup> Sublime segundo Kant é o “sentimento de algo que excede as dimensões e os conceitos que usamos normalmente para enfrentar o mundo” (GUMBRECHT, 2006, p. 52).

envolvimento do indivíduo em indeterminadas<sup>7</sup> condições de excepcionalidade. Para o autor se destacam três destas condições: a experiência que ocorre como uma interrupção no fluxo comum do dia a dia, o estranhamento de objetos comuns quando este atinge seu grau máximo de funcionalidade e, por fim, experiências comuns que se tornam excepcionais de acordo com mudanças nos planos situacionais em seu contexto (GUMBRECHT, 2006, p. 55-61).

Para esta discussão é interessante perceber como a percepção estética dentro do cotidiano permite enxergar, na realidade, potenciais que, no automatismo ou letargia da rotina, passariam despercebidos e que, da mesma forma, promovem um olhar mais desperto e consciente do indivíduo (ou consciente sobre o não-racional): à medida que ocorrem essas experiências de envolvimento sensível no dia a dia, “pequenas crises” (GUMBRECHT, 2006, p. 51) nos condicionam a repensar e/ou reformular conceitos, certezas, utilidades, realidades, sentimentos, razões.

Antes de discutir a proposição temática principal deste trabalho, é preciso pensar, à guisa de progressão lógica, na relação entre experiência estética e comunicação. Como pontua Picado (2012), “o caráter estético dos processos comunicacionais é frequentemente confundido com a determinação intencional ou “artística” dos mesmos” (PICADO, 2012, p. 5). Ou seja, diferentemente do que se possa pensar, o caráter estético da comunicação não está na construção do objeto, da mensagem, na sua intencionalidade enquanto produto, como uma ferramenta ou dispositivo que é projetado e que, a partir do contato com um receptor, é ativado e a experiência estética se realiza.

Compreendemos que a experiência estética pode ser uma das consequências possíveis de um processo comunicacional, considerando a comunicação enquanto uma “comunhão sensível pela qual compartilhamos formas, sentidos e valores” (VALVERDE, 2008, p. 8). A partir desta concepção, os agentes interlocutores de um processo comunicacional adentram numa dimensão onde suas razões, sentimentos, subjetividades e repertórios socialmente construídos entram em contato, circunstância que pode ser considerada uma das condições para que ocorra a experiência estética.

---

<sup>7</sup> Preferimos aqui utilizar o termo “indeterminadas” por acreditarmos que as condições para a experiência estética no cotidiano são diversas e se relacionam à subjetividade do indivíduo que se envolve numa situação sensível. Portanto, as condições de excepcionalidade para a vivência de uma experiência estética não poderiam ser definidas, listadas e sistematizadas de maneira cabal. No entanto, nos utilizamos de três condições possíveis destacadas por Gumbrecht em seu livro “Pequenas Crises Experiência estética nos mundos cotidianos”.

## **Mas de que forma a experiência estética está relacionada ao jornalismo?**

A princípio, o jornalismo é a profissão da objetividade e da impessoalidade, se configurando com base numa prática racionalista, sempre em busca de fatos considerados de relevância fundamentados na verdade:

Munido das prerrogativas que permitem a identificação e o tratamento do que é relevante, o jornalista age como um autômato na busca incessante pela construção da notícia. Uma verdade asséptica que já fora - ou pelo menos deveria ter sido - submetida aos filtros da objetividade, da concisão, da densidade e da correção. (ALONSO, PEREIRA, 2008, p. 2)

Desta forma, o jornalista assume uma posição de distanciamento em relação à matéria-prima da notícia, que se encontra dispersa justamente no cotidiano, excluindo, na sua prática, toda a carga significativa das impressões, das sensações e sentimentos que poderiam ter existido entre o profissional e seu objeto de trabalho. “Assim, para a prática do bom jornalismo, é preciso que o profissional abra mão de seus ímpetos sensoriais imediatos e relegue a segundo plano todo o apelo estético ao qual ele é submetido em sua rotina” (ALONSO, PEREIRA, 2008, p. 3).

Contudo, acreditamos que, uma vez imerso na busca pelo novo, pelo noticiável, por aquilo que interrompe o estado de normalidade do cotidiano, o jornalista acaba (ou pelo menos deveria/poderia acabar) exercitando o senso estético. “A narração jornalística tem seu peso elevado quando as expectativas comuns falham e quando o homem cotidiano se confronta com anomalias e contradições na regularidade seu sistema social” (SILVA, 2014, p. 13).

Olhando por este ângulo, podemos ver que o profissional do jornalismo tem como base do seu trabalho a quebra da “regularidade do sistema social”, ou seja, ele se alimenta dos acontecimentos que irrompem a normalidade dos dias, que se apresenta como “anomalias” ou “contradição”, ganhando destaque perante o que é comum e normal. Desta forma, a partir do fato, o jornalista constrói o discurso que como norma precisaria ser objetivo, conciso e isento de divagações, opiniões e centrado na informação. Essas características podem ser observadas em jornais impressos diários, telejornais e portais de notícias na internet, esses últimos possuindo atualizações em frequência bem maior que os demais. No entanto, nem só de notícias duras ou rápidas vive o jornalismo.

Diversos pesquisadores procuraram classificar o jornalismo, como Luís Beltrão (1980) e José Marquês de Melo (2003), mas, afastando-nos de discutir todas as classificações, destacamos uma vertente apresentada por ambos os pesquisadores: o

jornalismo opinativo. O jornalismo opinativo se ramifica ainda para outros gêneros como a resenha, a coluna e, aquele que destacamos como objeto de estudo deste trabalho, a crônica.

Grandes discussões teóricas já foram traçadas sobre a crônica, principalmente no que se refere ao seu caráter híbrido de jornalismo e literatura. Como poderia um texto ter livre criação e ao mesmo tempo poder ser caracterizado como jornalístico? Neste trabalho procuramos manter uma visão ampla, não se abstendo dos questionamentos sobre o campo de estudo da crônica (jornalismo e/ou literatura?), mas procurando observá-los e tensioná-los de acordo com a proposta da pesquisa. Tomando inicialmente a definição de crônica contida em um dicionário de língua portuguesa, temos as suas duas primeiras definições mais básicas:

1. Narração histórica, pela ordem do tempo em que se deram os fatos.
2. Seção ou artigo especial sobre arte, literatura, assuntos científicos, esporte, notas sociais, humor etc., em jornal ou outro periódico, sempre do mesmo autor, geralmente refletindo suas ideias e tendências pessoais. (MICHAELIS, 2012, digital)

A primeira definição deriva das significações da palavra em grego e latim que fazem referência ao tempo. Tais colocações se relacionam ao nascimento da crônica no mundo, mais especificamente na Europa Medieval, onde nos textos redigidos eram narrados cronologicamente e documentavam com características literárias as batalhas, conquista e fracassos de monarcas (LOPES, 2009, p.3). Contudo, trazendo as discussões para o campo jornalístico, a crônica nasce no Brasil no século XIX através do folhetins, publicados nos periódicos, trazido da França. Os folhetins eram pequenos espaços, geralmente no fim das páginas, cujos textos com personagens e enredos tinham como base fatos do cotidiano, o que lhe atribuía um aspecto jornalístico.

Para dar seguimento à discussão central do artigo consideramos a colocação de Yolanda Maria Tuzino (1979) que declara a natureza textual híbrida da crônica, caminhando entre o jornalismo e literatura: segundo a autora, a crônica seria “jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex.: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la” (TUZINO, 1979. p. 15).

Assumindo a crônica enquanto gênero híbrido de jornalismo opinativo, observamos a quebra de valores do jornalismo e a abertura para a subjetividade, o que tem o potencial de agregar leveza aos veículos jornalísticos. Segundo Janete Ferron:

Se por um lado, a notícia e os demais gêneros do jornalismo buscam muitas vezes a conclusão, tentam oferecer ao leitor uma história clara, concisa, em que a objetividade tem a pretensão de esgotar os fatos por meio do relato imparcial, a

crônica parece ir a um sentido oposto. Acreditamos que a presença da crônica funcione como uma espécie de perturbação junto ao critério de “veracidade” estabelecido pelo jornal. Perturbação que transfere, em certa medida, para o jornal a qualidade da incompletude – característica da literatura que problematiza o real – provocando uma abertura na pretensão jornalística de dar conta da totalidade dos fatos e de esgotar as discussões. (FERRON, 2009, p. 5)

Assim como outros gêneros, a crônica possui como marcas a atualidade e o cotidiano, que não necessariamente são tratados de acordo com as normas formais dos manuais de jornalismo. A crônica dispõe do cotidiano, mas incorpora ao seu discurso elementos literários, que garantem a liberdade da subjetividade, a criação de enredos (que em muito podem ser comparados à literatura) e, principalmente, a abertura para o universo do sensível dentro do cotidiano.

### **Enfim, o que a crônica jornalística tem a ver com experiência estética no cotidiano?**

A partir da definição de Melo (2003), enquanto gênero situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária, uma escrita poética do real, a crônica se coloca como texto que produz significação, desperta afetos e sentidos, e que, assim como qualquer texto:

Envolve uma intencionalidade de quem o produz e uma reciprocidade daquele que o recebe. Ele [o texto], por adquirir um sentido por meio de um conteúdo, acabou adquirindo também funções socializadoras, coletivizantes, informativas, éticas, emotivas, expressivas e também estéticas (MENDONÇA, 2010, p. 183).

Desta forma, como um dos requisitos mínimos da experiência estética é o envolvimento por meio dos sentidos, das sensações e sentimentos, podemos dizer que a crônica é, em dois vieses, uma circunstância de comunicação dentro do contexto jornalístico capaz de despertar e produzir experiências estéticas: no primeiro viés, quando o próprio jornalista, na busca pela sua matéria-prima de produção, se confronta com o cotidiano e se “desperta” para elementos, pessoas, circunstâncias e histórias antes não percebidas e/ou, no segundo viés, quando o leitor, por meio do vínculo ao qual se permite ter com a crônica, volta-se para o próprio cotidiano de forma diferente, seja por ter sofrido uma experiência positiva ou negativa, por concordância ou atrito com o exposto no texto.

Para discutirmos a presença das colocações aqui traçadas, destacamos a crônica *A Delicadeza dos Dias*<sup>10</sup>, escrita pela jornalista e cronista Eliane Brum<sup>11</sup>, na coluna Opinião

---

<sup>10</sup> Crônica de escrita por Eliane Brum, no dia 5 de jan. 2015, na coluna Opinião do jornal El País, disponível no link: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928\\_791039.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928_791039.html)

do jornal EL País. O texto foi escrito em 5 de janeiro de 2015, o primeiro da jornalista neste ano. Tendo o dia-a-dia como matéria prima, no texto de Eliane Brum podemos observar suas apropriações da atualidade, mas seguindo as diretrizes do que seria a crônica jornalística: a liberdade narrativa e subjetiva. Vemos isso exemplificado logo nos primeiros parágrafos do texto:

Catarina é assim. Cercada de princesas, porque ela também é uma princesista praticante, ela às vezes silencia os adultos ao redor, arrancando-nos da repetição neurótica dos dias. É visível que sente compaixão por nós, a ponto de, neste Natal, ter fingido acreditar no Papai Noel para não nos decepcionar. Fizemos coisas ridículas, na falta de chaminés o Papai Noel teria descido por uma janela pela qual não passaria um duende com anorexia, e ela deixou passar. Mas, juro, seus olhos eram tão céticos quanto os de Humphrey Bogart em Casablanca.

Um dos apontamentos acerca na estética na comunicação se refere à comunicação como uma partilha e a narrativa construída por Brum propõe a aproximação do leitor ao compartilhar suas vivências. Ao utilizar sua afilhada (o que esclarece no parágrafo anterior) como uma personagem do texto, a autora se contrapõe à impessoalidade que o jornalismo dispõe e, ao perceber no seu cotidiano pessoal causos que subsidiam a construção do texto, a autora demonstra ainda um sentido estético de desautomatização para o cotidiano: “evocamos aqui uma experiência que se faz a partir de um estranhamento diante do mundo. Ao mesmo tempo em que desfamiliariza o que antes era habitual, ativa nossas capacidades sensíveis em busca de novas experiências” (CARVALHO, 2014, p. 76).

Outo exemplo, ainda no mesmo texto de Eliane, está atrelado a fatos do cotidiano que ganham caráter público, quando Brum escreve sobre o esquecimento de crianças nos bancos de trás dos carros, casos que tiveram repercussão em alguns jornais, como por exemplo, os do dia 18 de dezembro de 2014, ocorridos nos estados de São Paulo e Minas Gerais<sup>12</sup>. Sobre essas circunstâncias de repercussão na mídia, Brum escreveu: “Acho que esses pais estão automatizados, como estamos todos. Tão incapazes de enxergar as diferenças de dias que parecem iguais, que acabam deixando de ver algo tão grande quanto a presença de um bebê no banco de trás”.

A crítica da escritora carrega um forte vínculo à reflexão estética quando chama atenção ao ritmo frenético, com o qual vivemos, e ao mesmo tempo letárgico, a partir do

---

<sup>11</sup> Jornalista, escritora, documentarista, cronista e “escutadeira”, de acordo com seu perfil no site onde publica seus textos: <http://desacontecimentos.com/>

<sup>12</sup> BALOGH, Giovanna; PEIXOTO, Paulo. Duas crianças morrem em MG e SP ao serem esquecidas no carro pelos pais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 de dez. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/12/1564139-duas-criancas-morrem-em-mg-e-sp-ao-serem-esquecidas-no-carro-pelos-pais.shtml>>. Acesso em: 06 de jul. 2015.



qual enxergamos as coisas, o que provoca um olhar de mesmice no seguimento dos dias e impede a percepção inclusive do que está ou não ao nosso redor, embotando nosso “sentido de presença”, tese desenvolvida no âmbito da teoria das materialidades, explicada por Carvalho (2014), com base em Gumbrecht (2010):

A presença, como algo tangível, produz necessariamente um impacto sobre o corpo e os sentidos. A presença é palpável, concreta, e apesar de produzir uma experiência estética epifânica e efêmera, ressalta aquilo que não é acessível por meio da interpretação. (CARVALHO, 2014, p. 77)

Concluindo a análise de *A Delicadeza dos Dias*, selecionamos um trecho que sugere a relação estética entre autor e cotidiano que expusemos aqui neste trabalho:

Penso que, para que exista uma mudança real de posição e de lugar, é preciso perceber o pequeno, o quase invisível de nossa realidade externa e interna. É pelos detalhes que enxergamos a trama maior, é na soma das sutilezas que a vida se desenrola, são as subjetividades que determinam um destino. É preciso desacontecer um pouco para ser capaz de alcançar a delicadeza dos dias.

Ao longo da narrativa de Eliane podemos captar aspectos da vida da autora, seu repertório, representados no texto pela utilização de referências a filmes e escritores brasileiros, suas marcas e a forma de ver o mundo. Ao colocar tanto de si, autora aproxima o leitor, convidando a conhecer suas percepções sobre diversos assuntos apresentados. Diante disso podemos observar o caráter relacional da comunicação, como aponta Monclar Valverde:

Antes de ser uma “troca de mensagens”, a comunicação é uma comunhão sensível, pela qual compartilhamos formas, sentidos e valores, que nos antecedem e nos constituem. A interação, a relação e a empatia aparecem, então, como aspectos fundamentais de uma socialidade que cabe cada vez menos num modelo contratual (VALVERDE, 2008, p. 8).

Corroborando com essa declaração de Valverde também observamos na crônica escrita pela jornalista e escritora Martha Medeiros<sup>13</sup>, intitulada *O Fascínio do Amor*<sup>14</sup>, as relações traçadas pela autora no texto para construir uma aproximação de seu leitor.

Porém, amar é encontrar aquilo que não se procura. Aquilo que surge sem explicação, que não tem lógica, e contra o que não adianta lutar: nenhuma resistência é suficiente. Amar é puro fascínio. Você cruza com uma pessoa que talvez nem equalize com seus sonhos, mas é com ela que se deu o click, o curto-circuito, que algo foi despertado. A mágica está no que não veio por encomenda,

<sup>13</sup> Jornalista e escritora com diversos livros publicados, entre eles o livro que reúne as crônicas escritas para o Zero hora e alguns textos inéditos Geração Bivolt (Artes & Ofícios) de 1995. Disponível em: [http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout\\_autor.asp&AutorID=607705](http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=607705)

<sup>14</sup> Crônica de Martha Medeiros escrita em 11 de junho de 2014 em sua coluna no jornal Zero Hora. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/06/martha-medeiros-o-fascinio-chamado-amor-4523763.html>> .



nem atendendo a pedidos, nem no momento certo, nem mesmo pegou você de banho tomado – é um flechão do Cupido, que às vezes é ruim de mira, mas ao menos tem boa intenção. Ou, se não for a hora de falar em Cupido, mas em Neymar, Fred, Hulk e Jô, pode-se dizer que a mágica é um potente chute de fora da área no qual ninguém acreditou, mas a bola entrou assim mesmo. Gol.

Se apropriando da data comemorativa Dia dos Namorados, que seria celebrada no dia seguinte, a autora demonstra seu olhar sobre o amor, construindo uma narrativa, que num primeiro momento poderia ser considerada direcionada aos namorados apaixonados. No entanto, no fim do trecho destacado vemos que Martha faz referência a jogadores de futebol garantindo que solteiros ou apreciadores de futebol também se identifiquem com o texto.

Dois pontos atuais de grande relevância estão destacados na construção no texto e poderiam ter sido desenvolvidos pela autora como uma notícia, seguindo as diretrizes principais do jornalismo: o Dia dos Namorados, comemorado no dia 12 de junho, e a Copa do Mundo de futebol, que em 2014 foi sediada no Brasil e possuiu uma intensa cobertura jornalística. Contudo, como destacado por Janete Ferron (2009), a crônica caminha no sentido oposto das notícias rápidas, objetivas e duras do jornalismo, não se prendendo a essas regras e problematizando o real. Observamos essa característica no seguinte trecho:

[...] Nesse clima (ainda que inosso) de torcida organizada, de nação reunida, de milhões em ação, fica difícil dedicar o tema da coluna apenas para dois: um par. Mas é o que me propus, desde que li, dia desses (acho que no livro Doralina, de Luiz Horácio), uma frase que me fez pensar: “Amar é encontrar aquilo que não se procura”.

A autora se posiciona frente aos fatos e declara que não irá tratar sobre futebol e encaminha seu texto para colocações relacionadas ao dia dos namorados. No entanto sua narrativa não se prende a explicitar as origens da data ou o aumento das vendas por conta dos presentes trocados entre os amantes, ela relata situações cotidianas e refletir sobre o amor. Ela utiliza o fato atual para discutir questões e até mesmo seus próprios valores.

### **Considerações Finais**

Através dessa pesquisa observamos como a crônica, por possuir um caráter híbrido, pode ser um exercício em potencial para o desenvolvimento do senso estético dentro da profissão de jornalista. Por ser caracterizada dentro da categoria de jornalismo opinativo, a crônica concebe textos com opiniões e percepções do autor mesclando característica do jornalismo e da literatura. Para a construção de uma narrativa classificada como crônica a

atualidade se torna um mote para discussões que vão além da narração crua de fatos, admitindo impressões e reflexões do próprio autor. Dito isto a crônica pressupõe uma percepção desautomatizada do jornalista em relação àquilo que é comum, no dia a dia, unindo fatos da vida real com seu universo do sensível, podendo, por sua vez, proporcionar sensações através do envolvimento entre texto e leitor.

Desta forma, pudemos perceber que, no que concerne aos jornais diários, sejam eles impressos ou em plataformas digitais, as crônicas garantem o escape das notícias duras e sobre o dia a dia, permitindo transformar a visão do comum, o cotidiano, num lugar de imersão do sensível e de manifestações de experiências estéticas.

Mesmo tendo a atualidade presente na construção do texto, o cronista não se prende a ela, apenas usa-a como subsídio. Estar com olhar atento ao seu redor garante ao jornalista a vivência de experiências estéticas que serão repassadas através do olhar novo para o cotidiano que apresentará seus textos proporcionando a aproximação do leitor com texto e proporcionando a este experimentar sua própria desautomatização, sua própria experiência estética.

## Referências

ALONSO JR, Rafael Miguel; PEREIRA, Tiago Luis. Desprezo e apropriação da estética na rotina jornalística. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Natal, 2008.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.  
\_\_\_\_\_. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980. Disponível em: <  
<https://joropinativo.files.wordpress.com/2012/03/cronica-beltrao.pdf>>. Acesso em: 03 de junho 2015.

BRUM, Eliane. **A Delicadeza dos Dias**. Jornal El País, coluna Opinião, 05 de jan. 2015. Disponível em: < [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928\\_791039.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/05/opinion/1420458928_791039.html) >. Acesso em 04 jul. 2015.

CARVALHO, Victa de. **Cotidiano e Experiência Estética na Obra de Beat Streuli**. Ícone, v. 15, n. 2, 2014. Disponível em: <  
<http://revistaicone.hipermoderno.com.br/index.php/icone/article/view/251>>. Acesso em: 06 de jul. 2015.

FERRON, Janete Terezinha. **O papel do cronista e o lugar da crônica no jornal**. Revista Dito Efeito, Ano I, Vol I, N.1, 2009. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Curitiba. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/de/article/view/2165/2041> > . Acesso em 03 de julho de 2015.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

JIMENEZ, Marc. Prefácio. In.: **O que é estética?** São Leopoldo: Unisinos, 1999. p.9- 27

LOPES, Paula Cristina. **A crônica (nos jornais): o que foi? O que é?**. 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>> . Acesso em 03 de julho de 2015.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ªed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENDONÇA, Carlos Camargos. Experiência e significação. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno S.; MENDONÇA, Carlos C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 179-188.

MEDEIROS, Martha. **O Fascínio do Amor**. Jornal Zero Hora, 11 de junho de 2014. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/06/martha-medeiros-o-fascinio-chamado-amor-4523763.html>>. Acesso em 07 de julho de 2015.

MICHAELIS, **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda. – nova ortografia. ISBN 978-85-06-06953-0 [versão digital]. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cr%F4nica>> . Acesso em 03 de julho de 2015.

PICADO, Benjamim. Dos objetos da comunicação à experiência estética: discursividades estéticas nas teorias da comunicação. **Anais do XXI Encontro da Compós**, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, 2012.

\_\_\_\_\_. Entre os dispositivos de interação, as simulações do comum e o sedimento afetivo da sociabilidade: paradigmas críticos de uma discursividade nas teorias da Comunicação. In: FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César (Org.) **Teorias da Comunicação no Brasil, reflexões contemporâneas – Salvador: Edufba**, 2014.

SILVA, Marcos Paula da. **Jornalismo, Cotidiano e Experiência Estética: uma discussão sobre a interface dos campos calcada na regularidade cotidiana**. Compós, 2014. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo\\_compos\\_marcospaulodasilva\\_2850.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo_compos_marcospaulodasilva_2850.pdf)>. Acesso em 03 jul. 2015.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma intersecção entre Jornalismo e Literatura**. 1979 Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-interseccao.pdf>>. Acesso em 04 de junho de 2015.



VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. XVII Encontro da Compós, UNIP, SP. 2008